OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

0/05/201

Por um colírio nos olhos dos outros ...

Annibal Coelho de Amorim

[Médico. Doutor em Saúde Pública]

Mais uma brilhante descoberta da ciência brasileira. Dia desses li, em postagem científica, que pesquisadores da Unicamp descobriram um colírio para evitar que pessoas com diabetes fiquem cegas. Imediatamente, passei a pensar como prevenir a "cegueira" de milhares de pessoas, que não têm diabetes, mas que diante da enxurrada de mentiras nossas de cada dia, vão aos poucos perdendo a visão, a audição, a capacidade de refletir e se transformam em verdadeiros zumbis. E vagam como "mortos-vivos" em um país que em janeiro inaugurou um novo regime, a idiocracia.

Não há dúvida de que esta "nova epidemia" pode ultrapassar os indicadores de morbidade e mortalidade das arboviroses. Deixam para trás milhares de casos de dengue, zika, chikungunya, sem falar na gripe H1N1, que já preocupa a todos nós. Precisamos urgentemente aportar recursos para as universidades brasileiras pesquisarem esta nova doença nada silenciosa, que "cega" e mata lentamente a capacidade reflexiva de parcela significativa da população brasileira.

Conversando com os meus botões, tenho a vaga impressão que este vírus se espalhou durante o processo eleitoral passado. Falta identificar o "paciente zero", comunicante ativo desta "praga do terceiro milênio". Pensemos juntos (com exceção dos que já foram contaminados): assistimos todo "santo dia" notícias veiculadas dando conta que a campanha pela "nova previdência" caminha sem que efetivas providências de cobrar sonegadores (banqueiros públicos e privados; empresas de economia mista etc) sejam adotadas. E ninguém vê nada, ninguém ouve nada que não seja a "mesma ladainha". A ciência e as pesquisas estratégicas (semelhantes às do colírio referido) sofrem cortes e contingenciamento e tudo parece se comportar como "tudo isso aí" fosse algo "normal", ninguém fala nada e nos parece que os primeiros sintomas são letargia seguidos de paralisia e mutismo voluntário. São anunciados cortes expressivos nas

universidades públicas e com as felizes exceções de alunos(as), pais, professores e reitores, a sociedade continua embalada em um "sono profundo", o que mais me parece um "coma induzido".

Os sinais de que a economia está em "progressivo declínio de suas funções somáticas e psíquicas", aumentando exponencialmente a fila de desempregados e subempregados, e os empresários e suas confederações tampouco se manifestam, o que nos leva a crer que a letalidade do "vírus" atingiu também o topo da pirâmide.

Me pergunto que "tipo de vírus" é esse?

Existe mínima chance de incluir no orçamento verbas capazes de mapear seu "código genético" antes que o mesmo destrua toda a capacidade reflexiva e mobilizadora do povo brasileiro?

Inspirado em Raul Seixas, eu pergunto a "quem não tem colírio": como ofertar educação científica e tecnológica aos que assistem conformados os cortes orçamentários na educação básica?

Como fazer ciência sem educação de qualidade? Como estimular pesquisas sem bolsas de iniciação científica e de aperfeiçoamento?

Como enfrentar a dura realidade das doenças emergentes e/ou negligenciadas, se concordamos com o contingenciamento de verbas nas áreas de Saúde & Educação? Haja colírio

A inspiração do colírio descoberto pela Unicamp, nos aponta que mesmo diante de um quadro "crônico", por assim dizer, deve existir uma "gotinha de esperança" para "dilatar as pupilas" dos cidadãos e cidadãs que passivamente veem seus cérebros se transformarem em "algo disfuncional". Perdoem o excesso de vocabulário médico desta opinião visatiana mas o "quadro é grave e inspira cuidados". Devemos rejeitar os "cuidados paliativos" e adotar de maneira efetiva o único remédio conhecido para "combater a apatia e a anomia geral instalada": ABRAM OS OLHOS ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS

Sem Ágora e agora?

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.